

(SOBRE)VIVÊNCIAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE OBRAS E MEMÓRIAS DE MÁRCIA MAIA MENDONÇA.

Resumo:

O seguinte artigo refere-se à experiência vivenciada por dois discentes do curso de licenciatura em História, da Universidade Estadual do Ceará (UECE) campus FECLESC, em Quixadá a partir de uma viagem de campo realizada a cidade de Limoeiro do Norte proporcionada pelo núcleo de História do PIBID (Programa de iniciação à docência). A viagem de campo contou com visitas guiadas a pontos históricos da cidade, como o museu em que conheceram às obras de Márcia Mendonça, uma artista transexual que é natural e viveu na cidade de Limoeiro do Norte na década de 80. A atividade proporcionou a reflexão sobre a presença de uma mulher trans em lugares que, comumente, não teriam acesso, como praças, universidades e igrejas, o que trouxe a tona não apenas a força simbólica de Márcia Mendonça com a grande presença de obras e monumentos de sua autoria espalhados por toda cidade, mas também provocou uma intensa reflexão dos discentes sobre os silenciamentos e resistências que marcam o estudo sobre a memória LGBTQIA+. Metodologicamente, o trabalho apresenta uma abordagem qualitativa e reflexiva utilizando a escrita como método de rememorar a experiência tida pelos discentes. A principal finalidade deste relato é valorizar a arte, a memória e a trajetória de corpos subjugados no meio social. Os resultados apontam para a importância da vivência cultural e através da arte no processo formativo dos futuros docentes, principalmente por corpos que tendem a entrar em um apagamento social.

Palavras-chaves: Memória LGBTQIA+, PIBID, Limoeiro do Norte, Márcia Mendonça, Arte.

INTRODUÇÃO

A formação de docentes no Brasil enfrenta diversos problemas estruturais e no que se refere principalmente a visibilização da história e memória de pessoas pertencentes a comunidade LGBTQIA+, em ênfase pessoas transgênero (SANTOS, 2015). Em cursos de Licenciatura, sobretudo, demanda cada vez mais experiências que possam unir a teoria e a prática. O contato com a arte torna-se uma ferramenta essencial para que se possa fazer nascer o olhar crítico dos licenciandos, acerca da temática abordada neste trabalho, ainda mais abrangente. A arte, para esse contexto, se transforma em um espaço onde se constrói resistência e narrativas, onde as histórias de vida, afetos, de identidade, são assim escritas e firmam sua permanência.

Márcia Mendonça, artista de Limoeiro do Norte-CE, que viveu e produziu diversas obras durante a segunda metade do século XX, é um exemplo fortíssimo de como a arte pode expressar a vida e as resistências de uma mulher transsexual nordestina, no interior do Ceará, ocupando lugares simbólicos de afirmação, de resistência, de empoderamento, de luta contra o preconceito de sua época. Nesse contexto, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação

à Docência (PIBID) surge como meio de reparo educacional, que busca trazer a mediação desses corpos dissidentes para sala de aula como modo de integração dessas pessoas na vida dos discentes.

Este artigo tem como objetivo relatar uma experiência vivida por licenciandos de História participantes do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), da FECLESC, em Quixadá, que tiveram a oportunidade de, a partir de uma viagem de campo realizada a cidade de Limoeiro do Norte, conhecer as obras e a história de Márcia Maia Mendonça, articulando reflexões sobre memória LGBTQIA+, arte e práticas educativas inclusivas. A presença das obras de Márcia não impactou somente pela beleza e significado, mas trouxe reflexões a partir de uma visão crítica dos discentes aos apagamentos feitos à comunidade LGBTQIA+, e suas contribuições, estão cada vez mais presentes no meio social, figuras como Xica do Manicongo, primeira mulher negra travesti não indígena no Brasil é pouco lembrada hoje como símbolo de resistência e luta em tempos mais árduos para esses cenários (CAPIRE, 2022). Márcia integra na luta do movimento LGBTQIA+ pois vive em um cenário repleto de estereótipos e preconceitos, uma sociedade moldada a partir do ideal de “cabra-macho”, o homem virilizante, telúrico, construído para se opor a feminilização que o corpo social passava naquele século (JÚNIOR, 2013). Determinado a se contrapor a normas que a sociedade o impunha, o então jovem Márcio decide seguir o pulsar de sua alma onde atravessou com sangue, suor e lágrimas os estigmas atribuídos ao seu corpo.

DESENVOLVIMENTO:

A viagem para Limoeiro do Norte nasce a partir de uma iniciativa da Professora Dra. Lídia Noêmia dos Santos, com os objetivos de interação dos núcleos e troca de experiências entre os dois campus da UECE, (FECLESC em Quixadá e FAFIDAM em Limoeiro do Norte) o objetivo final da viagem seria a cidade de Aracati, onde conheceríamos o Quilombo do Cumbe. Na nossa estadia em Limoeiro do Norte, tivemos a oportunidade de fazer um tour pela cidade, que calhou na nossa visita a Igreja Matriz e ao CVT (Centro Vocacional Tecnológico) que foi onde nos deparamos com as principais obras de Márcia. Fomos apresentados as obras da artista pelo professor Dr. Gustavo Lobo, professor da FAFIDAM e coordenador do PIBID de história do campus, quando ele nos conta a história de uma mulher trans que ainda durante o período da Ditadura-civil-militar viveu e resistiu através da arte como meio de subsistência da vida.

Segundo o professor, Márcia foi uma figura polêmica na cidade, visto que pessoas transexuais não eram vistas de bom grado pela sociedade, mas, apesar das inúmeras críticas, Márcia desabrocha através de sua veia artística e transforma o preconceito das pessoas em potência para sua arte. Muito ligada à Igreja local, Márcia torna o que para muitas pessoas trans é um lugar que gera afastamento, parte de sua vida, a maioria de suas obras expostas se relacionam com figuras santas para a Igreja Católica, tendo inclusive, pintado “A Imaculada Conceição” que está no teto da Igreja Matriz até hoje, assim como, Santa Bárbara (1995), Morte (1994) que é uma representação da figura de São Francisco no leito de morte, e a que está na igreja chama-se “Nossa Senhora da Conceição” (1981). Na ocasião da visita a Matriz, nos deparamos com essa imagem, estendida no teto, e reparamos um pequeno detalhe na imagem, nela, há a representação de um anjo nu, algo raro entre as artes sacras, que foi enfatizado pela professora Lídia Noêmia.

Essa imagem contendo um anjo nu gerou enorme polêmica entre a sociedade na época que não aceitava que a frente da população limoeirense, houvesse um anjo com “suas vergonhas de fora”, a defesa das pessoas era que aquilo seria um ataque a instituição religiosa, algo que Márcia não aceitou e encarou a população, o padre e o bispo (MACHADO, 2021). Segundo José Wellington Machado: “A imaginação das pessoas conseguia fazer o anjinho entrar em ereção, transformando algo que parecia insignificante em um problema gigante.”

Figura 1: Fotografia da pintura de Márcia Mendonça no teto da Igreja Matriz, Nossa Senhora da Conceição (1981) com ampliação no anjo do canto inferior à esquerda.



Fonte: autoria própria.

Márcia desenvolve grande parte de suas obras dentro do contexto religioso, grande parte de suas pinturas e esculturas são desenvolvidas através de figuras religiosas, em que estão presentes espalhadas em toda a cidade. Além da igreja, como foi mencionada acima, há pinturas suas dentro da própria FAFIDAM, como a imagem do D. Aureliano Matos, exposta no campus da faculdade:

Figura 2: fotografia da pintura de D. Aureliano Matos na FAFIDAM, campus da UECE na cidade de Limoeiro.



Fonte: autoria própria.

Também existem pinturas suas dentro do Centro Vocacional Tecnológico (CVT) da cidade. Em 2022, o salão nobre foi rebatizado, que recebeu o nome de “Salão Nobre Márcia Mendonça”, importante marco na história do CVT, que anteriormente já recebia o seu nome, porém o nome de antes da transição. As pinturas presentes no local são cópias das pinturas originais de Márcia, muitas delas, ainda recebem a assinatura com o nome de Márcio.

Figura 3: fotografia de pinturas expostas no CVT.



fonte: autoria própria.

Márcia não acatou as críticas que a ela foram impostas por conta das suas pinturas, e muito menos, por conta da sua transexualidade. Ela rompe com um padrão sexo-gênero que a sociedade cria a impõe aos seus indivíduos, a não conformatividade de Márcia atrai os olhos daqueles que veem a potência gigantesca de uma mulher que nasce calcada nos estereótipos da masculinidade, principalmente em uma região interiorana. Márcia sai de Limoeiro e ganha espaço em outras localidades, transita entre as cidades, os estados, os países, os continentes e deixa sua arte em cada localidade que passou (MACHADO, 2021) marcando um corpo social moldado no preconceito com a figura de uma mulher trans.

É nesse contexto que se impõe a importância dela dentro do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), já que diversos corpos e sexualidades estão dentro de nossas salas de aulas, corpos esses que historicamente tiveram apagamento e invisibilização perante a sociedade, muitas vezes, sendo vítimas de violência física e verbal dentro e fora da sala, meninos, meninas e pessoas que não se identificam ou se encaixam com a binariedade de gênero se vêem deslocadas e desoladas e através do exemplo de Márcia Mendonça podem emergir e florescer ao mundo assim como ela fez. Segundo Polak, Guimarães e Cruz (2022) as escolas, que deveriam se comportar como espaços de apoio a esses corpos dissidentes, por vezes, acabam se tornando locais de exclusão, por parte dos alunos e também dos professores, o que acaba impondo um corpo trans, que já fora muitas vezes excluído de outras localidades, como casa, igreja, círculos sociais, de mais um aparato que deveria lhe gerar segurança.

A vivência transexual é, e sempre foi difícil, especialmente no Brasil, segundo a ANTRA (Associação Nacional de Travestis e transsexuais) em 2024 o país ainda era o que mais matava pessoas transsexuais no mundo, ranking que lidera pelo 16º ano consecutivo, além disso, a expectativa de vida de uma pessoa trans no Brasil é de 35 anos, menos da metade da expectativa de vida de uma pessoa cisgênero, que segundo o IBGE (2023) era de

76,4 anos. Essa baixa expectativa de vida é o resultado de uma sociedade moldada sob o preconceito e transfobia, uma sociedade que enxerga na violência e, muitas vezes, no assassinato, um meio de extinguir aquilo que não considera como “socialmente aceito” e essa violência não perdura somente no âmbito da violência física, mas também da simbólica, quando uma pessoa trans não é reconhecida pelo seu nome social ou chamada pelos pronomes dos quais ela se identifica ela se torna uma figura deslegitimada socialmente. (ROVAI, 2023)

Além disso, Márcia, assim como inúmeras transexuais, foram vítimas de uma doença mortal que assolou milhares nas décadas de 80 e 90. A AIDS ficou popularmente conhecida como “peste gay” (TREVISAN, 2018) e foi extremamente ligada à essa comunidade no Brasil e no mundo. No país do carnaval, do samba e da libertinagem, chegou a registrar em agosto de 1985, cerca de 34 novos casos só na cidade de São Paulo, a doença remetia a corpos da comunidade LGBTQIA+ e ganhou visibilidade na mídia, com um terror patrocinado pelos empresários da época. Márcia descobre que estava com HIV em uma de suas viagens à Tailândia, onde pretendia fazer a cirurgia de redesignação sexual, um marco para um corpo trans, mas que retorna ao Brasil ao saber do diagnóstico (MACHADO, 2021).

A doença era quase uma condenação nesse período, sem tratamento, poucos métodos contraceptivos conhecidos ou divulgados, pouco interesse de autoridades e hospitais na busca pela cura ou algum tratamento mais eficaz, a população trans, diretamente ligada a marginalização e a prostituição, eram as maiores vítimas dessa doença (TREVISAN, 2018).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A experiência dos alunos do PIBID possibilitou reflexões profundas sobre como arte, memória e diversidade se interconectam, especialmente no que se refere à presença de narrativas LGBTQIA+ no meio educacional e formativo de docentes e discentes. Ao conhecer a história e a trajetória de Márcia Mendonça, mulher trans nordestina, artista visual e figura da resistência cultural em Limoeiro do Norte, os licenciandos tiveram a oportunidade de compreender como a arte pode ser uma ferramenta de preservação da história e de resistência, que por muito tempo foi invisibilizada no discurso oficial e nos currículos escolares.

Durante as trocas entre os alunos, foram ressaltados os impactos emocionais e políticos de estudar, pesquisar e ouvir a história de Márcia. Uma história marcada pela exclusão, mas também pela criação, pelo afeto, pela fé e pela superação das inúmeras

barreiras que lhe foram impostas, desde sociais, educacionais, familiares, etc... As obras de Márcia, destacadas ao longo deste trabalho, são carregadas de simbolismo e cores vibrantes que remetem à sua própria identidade, de uma mulher transexual criada em um berço religioso que transforma preconceito, estigmas e limitações em arte, levantando questionamentos sobre o silenciamento que foi e continua sendo imposto às pessoas trans nas escolas e na sociedade em geral.

O PIBID tem se mostrado fundamental para possibilitar essa conexão entre universidades, sujeitos históricos e práticas pedagógicas. Isto ajusta-se à análise de Souza e Ferrari (2019), que afirmam que o PIBID é um espaço de "desestabilização, exposição e investimento na formação", especialmente quando se trata de gênero e sexualidade. Eles também destacam em outro estudo como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência possibilita a "desnaturalização e desestabilização de visões normativas de gênero e sexualidade" (SOUZA; FERRARI, 2017). Por meio dessa experiência, os bolsistas passaram a reconhecer a importância de abordar a diversidade sexual e de gênero em sala de aula, valorizando as trajetórias locais como ponto de partida para discussões mais amplas sobre a presença histórica dessas figuras culturalmente não bem aceitas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Nesse âmbito, Márcia ecoa em cada corpo trans que resiste da sociedade, ela (sobre)vive em cada espaço que a ela tentaram – lhe foi negado – espaços que aos seus irmãos e irmãs, LGBTQIA+, mulheres e nordestinos foram sendo apagados, é na arte sacra que Márcia Mendonça ficou mundialmente conhecida, foi através da sua força que nas igrejas, praças, universidades, centros vocacionais, muros e museus, existem partes de um corpo que lutou com seu sangue e suor para estar ali, um corpo que sobreviveu aos ataques de um tempo que não a entendia, de uma sociedade que não comprehendia a potência de dar asas a um corpo como o seu, mas que isso não à prendeu, mas sim, a fez alçar voo rumo ao mundo.

É na figura de uma mulher trans limoeirense que atravessou estigmas e preconceitos da época para ser reconhecida como tal que se espelha a imagem de uma mente brilhante que foi cercada pelos pré-conceitos de um corpo social preso na binariedade e nos papéis de gênero, mas que reagiu e se transformou. Márcia é símbolo de força, resistência, fé, até seus últimos instantes lutou contra uma doença que assolou milhares de pessoas - doença essa que foi cercada de paradigmas e silenciamentos.

Relembrar a trajetória dessa mulher é muito mais que um ato de respeito ou de compaixão, é um ato político. Márcia é uma figura crucial na história de resistência de corpos trans, um corpo que batalhou contra seus preconceitos, o de sua família, o de sua igreja – a quem ela tanto respeitava e admirava – e de uma sociedade que não estava pronta para abrigá-la. Foi nas artes que Márcia ficou mundialmente conhecida, mas é na resistência, força e coragem que ela é lembrada. Que sua história seja contada e recontada. Esse trabalho é um tributo a Márcia Maia Mendonça, pela sua força, pelo seu viver.

REFERÊNCIAS:

BENEVIDES, Bruna G. Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. 2025. Disponível em:

<https://antrabrasil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>

. Acesso em: 27 set. 2025.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPIRE. Xica Manicongo: a transgeneridade toma a palavra. 2022. Disponível em: <https://capiremov.org/experiencias/xica-manicongo-a-transgeneridade-toma-a-palavra/>. Acesso em: 30 jul. 2025.

DE SOUZA, Marcos Lopes; FERRARI, Anderson. Diversidade de gênero e sexual e formação docente: o PIBID como lugar de travessia e aventura. Revista Teias, Rio de Janeiro, v. 18, n. 50, p. 306–319, 2017. DOI: 10.12957/teias.2017.29486. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/29486>. Acesso em: 16 ago. 2025.

DESESTABILIZAÇÕES e ex-posições sobre as questões de gênero e sexualidade: The formative space of the PIBID as locus of destabilization and ex-positions on issues of gender and sexuality. Revista Temas em Educação, [S. l.], v. 28, n. 3, 2019. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2019v28n3.48043. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/48043>. Acesso em: 16 ago. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Em 2023, expectativa de vida chega aos 76,4 anos e supera patamar pré-pandemia. Agência de Notícias IBGE, 29 nov. 2024. Disponível em:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/41984-em-2023-expectativa-de-vida-chega-aos-76-4-anos-e-supera-patamar-pre-pandemia>. Acesso em: 26 set. 2025.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. Nordestino: a invenção do “falo” – uma história do gênero masculino (1920-1940). 2. ed. São Paulo: Intermeios, 2013.

LÉVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

MACHADO, José Wellington de Oliveira. As artes de pintar e as artes de se pintar: lembranças e esquecimentos sobre Márcia Maia Mendonça, uma artista transexual católica. 2021. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2021.

POLAK, Roberta; GUIMARÃES, Rafael Siqueira de; CRUZ, Gilmar Carvalho. Processos de violência vivenciados por pessoas trans nas instituições de ensino. Revista Hipótese, v. 8, n. 2, p. 136–159, jul./dez. 2022. Disponível em: <https://revistahipotese.editoraiberoamericana.com/revista/article/view/219>.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. O silenciamento de gênero: a palavra que subverte. Revista Brasileira de História, v. 43, n. 94, set./dez. 2023. DOI: 10.1590/1806-93472023v43n94-03. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/9jRWH4rYZ9N9GStHX6nNnsS/?lang=pt>. Acesso em: 16 out. 2025

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin dos. A biopolítica educacional e o governo de corpos transexuais e travestis. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v. 45, n. 157, p. 630–651, 2015.

TREVISAN, João Silvério. Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.